

**A CRÍTICA SOCIAL DE CHARLES DICKENS NAS OBRAS
“GRANDES ESPERANÇAS” E “OLIVER TWIST”**

**SOCIAL CRITICISM IN THE NOVELS BY CHARLES DICKENS
“GREAT EXPECTATIONS” AND “OLIVER TWIST”**

Maurício Silva

Doutor em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Tradução da Universidade Nove de Julho
maurisol@gmail.com

Márcia Moreira

Pós-graduanda em Tradução pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE)
marcia.moreirapereira@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma análise das obras “Grandes Esperanças” e “Oliver Twist” do escritor inglês Charles Dickens, bem como da importância deste autor como conhecedor das camadas mais pobres de uma Londres transformada pela era industrial e dos efeitos desta mudança social sobre a vida dessas pessoas.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Charles Dickens. Industrialização. Exclusão Social.

ABSTRACT

This article analyses Charles Dickens *Great Expectations* and *Oliver Twist* as a knowledge of the poorest of the City London. His works discuss the entrance by the industry and its effects on individual life of people.

Key-words: English Literature. Charles Dickens. Industrialization. Social exclusion.

1 INTRODUÇÃO

O século XIX, como é sabido, mudou de forma radical o *modus vivendi* do mundo ocidental, sobretudo, nos grandes centros urbanos da Europa, tendência que se espalhou, posteriormente, por diversas outras regiões, desencadeando uma transformação efetiva da

sociedade em geral. A era industrial, alavancada pela economia capitalista e pela mentalidade positivista, desencadeou, assim, um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, resultando não apenas numa nova sociabilidade, mas também em outros modos de interpretar a realidade e seus múltiplos sentidos.

Com todas essas transformações, assiste-se a um processo de reorganização da economia e, conseqüentemente, da própria experiência social, o que supõe, por um lado, maior acesso aos bens industriais de consumo e, por outro, a exclusão social em grande escala, esta última como reflexo irrefreável de uma modernidade cujas conseqüências seriam percebidas imediatamente após a racionalização do cotidiano tornar-se a tônica do mundo ocidental desenvolvido. Como resultado mais palpável da nova realidade que se impõe, o ser humano passa – nos termos do materialismo histórico – à condição de mero instrumento de manipulação capitalista, por meio do qual a mais-valia se transforma no principal mecanismo de obtenção de lucro pelos detentores dos meios de produção.

Nesse contexto, conceitos como o sentimento e o humanitarismo perdem cada vez mais espaço, ficando, muitas vezes, reduzidos aos limites incontornáveis do registro literário.

E é exatamente no âmbito da expressão literária que surge, nesse período, um escritor inconformado com as atrocidades advindas das mudanças ocorridas na Inglaterra vitoriana, cuja característica principal talvez tenha sido contínuos períodos de industrialização, seguidos de intensa exclusão social. Com efeito, Charles Dickens (1812-1870), que conheceu as mesmas agruras que os trabalhadores de sua época, representou, por meio de obras inesquecíveis, muitas vezes de cunho panfletário, as distorções sociais causadas pelo processo de modernização da Europa, criando personagens-tipos e levando a crítica social ao extremo por meio da expressão literária. Assim, ao narrar o cotidiano londrino, logrou alcançar alto grau de dramatização da realidade, fazendo de sua produção – não poucas vezes – uma representação fiel do processo de modernização excludente de que os trabalhadores ingleses foram vítimas.

O objetivo principal deste artigo é, exatamente, mostrar a relevância da obra de Charles Dickens nesse contexto, destacando-o, não apenas como romancista de grande sucesso no período, mas também como um singular pensador da sociedade vitoriana, cuja produção voltava-se, em particular, para o detalhamento e para a denúncia das situações extremas vividas pelos moradores da Inglaterra finissecular, em especial, por aqueles que compunham a grande massa dos desvalidos da Revolução Industrial, o que está plasmado com inquestionável domínio estético nos romances “*Oliver Twist*” de 1837 e “*Grandes Esperanças*” de 1860.

2 A SOCIEDADE INDUSTRIAL NA INGLATERRA DE CHARLES DICKENS

O período histórico em que Dickens viveu – entre a primeira e a segunda metade do século XIX – foi marcado por alguns fatos relevantes à fundamentação artística e ao alcance pragmático de sua obra, como a Revolução Industrial (incidindo diretamente no ideário *social*), o processo de urbanização (refletindo-se na configuração das classes *sociais*) e o desenvolvimento tecnológico (representado pelo conceito de progresso *social*).

Tendo, portanto, a sociedade como ponto de partida para a reflexão do período, é na esfera *social* que se verifica os principais desdobramentos das transformações assinaladas, das quais, o surgimento do proletariado urbano como classe social definida foi, segundo Hobsbawn (2000), uma das mais importantes:

vivendo em condições deploráveis, tendo o cortiço como moradia, salários irrisórios com longas jornadas de trabalho, o operariado era facilmente explorado, devido também, à inexistência de leis trabalhistas”. [O desenvolvimento das ferrovias] irá absorver grande parte da mão-de-obra masculina adulta, provocando em escala crescente a utilização de mulheres e crianças como trabalhadores nas fábricas têxteis e nas minas (HOBSBAWN, 2000, p. 49).

É, portanto, tendo esse cenário como plano de fundo que Dickens começa a produzir suas histórias, apresentando um painel de Londres, muitas vezes, grotesco, já que se tratava de situar suas personagens num cenário decadente, caracterizado pela explosão demográfica e pelo êxodo rural, pela exploração do trabalho infantil, pela situação de pobreza extrema e pela violência urbana (lembrando, a título de exemplo, que é por volta dessa época que se torna célebre, nas ruas londrinas, a figura do temido Jack, o Estripador), enfim pelo esgarçamento do tecido social como um todo.

Mas mais do que qualquer outro motivo literário, Dickens eternizariam em sua ficção, as condições degradantes a que estavam sujeitos os trabalhadores nas cidades industriais emergentes, como lembra Anthony Burgess, ao afirmar que:

o mundo criado por Dickens é acima de tudo uma Londres de pesadelo com restaurantes baratos, prisões, escritórios de advogados e tavernas escuras, enfumaçadas e frias, mas muito vivas. Os romances de Dickens são todos animados por um sentido de injustiça e do erro pessoal; ele está preocupado com os problemas do crime e da pobreza (BURGESS, 2008, p. 219)

2.1 A CRÍTICA SOCIAL EM CHARLES DICKENS

Esteticamente, o Realismo nasce na França, particularmente com as obras de Flaubert (*Madame Bovary*, 1856) e Zola (*Thérèse Raquin*, 1867). Trata-se de uma escola literária que tinha como fundamento ideológico uma série de teorias (filosóficas, científicas, sociológicas etc.), as quais surgem na segunda metade do século XIX, todas elas baseadas num ideário cientificista: o Positivismo com Comte (*Curso de Filosofia Positiva*, 1830-1842); o Socialismo com Proudhon (*Filosofia do Progresso*, 1835); o Determinismo Ambiental, com Taine (*Filosofia da Arte*, 1865-1869), o Determinismo Biológico com Darwin (*As Origens das Espécies*, 1859); o Experimentalismo Científico com Bernard (*Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, 1865); e o Determinismo Social, com Spencer (*Princípios de Sociologia*, 1877-1886). Todas essas teorias acabaram influenciando diretamente o modo de produção literária dos realistas, os quais adotaram os princípios expostos por esses pensadores (cientificismo, progresso, socialismo, experimentalismo, determinismo) e os incorporaram em suas obras, estabelecendo um vínculo entre Arte e Ciência.

Nesse sentido, a estética realista privilegiava - em tudo contrário à romântica - a objetividade (em oposição à subjetividade), o cientificismo (em oposição ao idealismo), a exterioridade (em oposição à interioridade), o racionalismo (em oposição ao sentimentalismo), a inteligência (em oposição à emoção), o materialismo (em oposição ao espiritualismo). Como afirmou Émile Zola, num dos principais tratados teóricos sobre o Naturalismo:

ao estudo do homem abstrato, do homem metafísico, [o Naturalismo] opõe o estudo do homem natural, submetido às leis físico-químicas e determinado pelas influências do meio. O romance experimental é, em uma palavra, a literatura de nossa idade científica, com a literatura clássica e romântica correspondeu a uma idade de escolástica e de teologia (ZOLA, 1982).

O ser humano, desse modo, passa a ser um verdadeiro componente - materializado - da engrenagem da mecânica universal, ao contrário do homem romântico, excessivamente autocentrado e autossuficiente. A arte, portanto, torna-se engajada, contendo nítidos apelos sociais, e antiburguesa, retratando a dissolução moral da burguesia, por meio de casos patológicos. É exatamente nesse contexto da literatura realista, sobretudo no que ela mais apresenta de antiburguesa, de denúncia social e de engajamento ideológico que se insere a produção ficcional de Charles Dickens.

Com efeito, os romances de Dickens eram, entre outros aspectos, obras de crítica social: nas suas narrativas, são tecidos comentários lúcidos e críticas ferinas à sociedade inglesa do século XIX, sobretudo, às distorções resultantes de um desenvolvimento excludente, como a pobreza extrema, as más condições de vida e de trabalho e a estratificação de classe, o que torna sua obra uma espécie de discurso em que a empatia solidária pelo homem comum, ao par de uma atitude céptica em relação à sociedade, seja flagrante (MILLER, 1958)

Fervoroso crítico das injustiças sociais, preocupando-se com questões como a pobreza e a marginalidade existentes em sua época, Dickens – ainda nas palavras certeiras de Burgess (2008) – lutava por essas questões, mas acreditava mesmo que as medidas transformadoras deveriam acontecer no interior de cada um. Além disso, lançando mão de uma linguagem clara e objetiva, pode-se dizer que a importância da sua literatura não reside isoladamente na grandeza textual ou na relevância de análises sociais, mas na conjugação entre forma e conteúdo, a bem da expressão literária. Como ensina Antônio Cândido:

só a podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p. 153).

Charles Dickens buscou ainda, por meio de seus personagens propositadamente tipificados, um diálogo com o mundo que, de certa forma, os coloca como estereótipos de uma sociedade que já implantou, através dos valores criados pela era industrial, a ideia de que as novas posições sociais já estão se definindo e que alguns permanecerão à margem, destituindo o caráter de verdade sobre a certeza de um futuro “melhor”, sustentado pelos avanços dessa nova era. Assim, de acordo com Michel Löwy, o escritor inglês faz “uma crítica ao sistema capitalista naquilo que Karl Marx considera a maior alienação: a exclusão da vida humana” (LÖWY, 1990, p. 34). A sociedade industrial, tal como é mostrada, de forma quase caricatural, por Dickens, estaria assim “transformando os homens em máquinas de um sistema que o oprime não só economicamente”. (LÖWY, 1990, p. 35). Nesse sentido, pode-se afirmar, sem exageros, que a crítica de Dickens visa a características mais gerais e profundas da sociedade moderna – o declínio dos valores qualitativos (ética, imaginação, bondade, vínculos humanos) em nome de relações quantitativas e utilitárias.

Isso tudo explica porque, para Charles Dickens, as situações de vida difíceis, as mazelas e as distorções sociais dizem respeito muito menos à carência econômica e muito mais à perda de valores humanos. Por isso, não há dúvidas, segundo Chersterton (2001, p. 82), “de que as histórias de Dickens estão voltadas para os problemas de sua época, mas seu mérito está principalmente no fato de mostrar a sociedade por meio da arte”. Não se deve esquecer tampouco, complementa o mesmo autor, que Dickens escreveu em “um período em que a Inglaterra estava tomada por doutrinas políticas e filosóficas que, se por um lado constatavam a necessidade de melhoria, por outro, se anulavam mutuamente quando as soluções para os problemas eram consideradas” (CHERSTERTON, 2001, p. 82).

Assim sendo, se, como explica Alvaro Pina, as várias teorias presentes na época (marxismo, positivismo, darwinismo, malthusianismo etc.) procuravam explicar as mudanças pelas quais a sociedade estava passando, não se pode esquecer que, por sua própria diversidade, tanto de explicações quanto de soluções dos problemas do período, “eram mais um sintoma dos tempos difíceis em que se vivia e não foram capazes de promover uma explicação para as conturbadas relações sociais que se estabeleceram na sociedade após a Revolução Industrial” (PINA, 1986, p. 55). Charles Dickens, como poucos autores dessa época, foi capaz de traduzir - em textos da mais alta qualidade estética - os anseios, as contrações, as desilusões e as esperanças de toda essa geração.

2.2 DUAS OBRAS DE CHARLES DICKENS

O romance “Grandes Esperanças”, publicado em 1860, conta, em poucas palavras, a história de Philip Pirrip (ou simplesmente Pip), um menino órfão, criado pela irmã mais velha e que alenta esperanças de um dia tornar-se um cavalheiro. A história revela, entre outros temas de fundo social, a reivindicação de um lugar para a criança na sociedade e suas relações com o processo de amadurecimento da personalidade, sempre colocando em discussão princípios morais ligados a determinadas classes sociais. Para A. Sanders “as instâncias narrativas do narrador Pip focalizado tanto pela lente da criança e do jovem quanto pela do adulto maduro participam do processo pelo qual as percepções diferentes de cada uma das partes tentarão impor-se sobre a outra” (SANDERS, 1994, p.38).

Fatos como esses podem ser verificados no episódio da humilhação de Pip por Estella, ou no momento em que Pip recebe promessas de fortuna, tendo suas ações adultas confrontadas com as de sua infância, gerando grande sentimento de culpa. De acordo com

Álvaro Pina, tal sentimento ilustra outro aspecto ideológico incrustado no tecido narrativo da obra, amplificado pela caracterização das personagens, o qual pode ser descrito como a necessidade de “abafar aspectos que possam desviar a concentração de esforços pela obtenção de posição social, riqueza e dos valores identificados com o ideal de um homem da classe média inglesa bem-sucedido” (PINA, 1986, p.79).

Há ainda que se considerar - nesse processo de formação da personalidade de Pip, formação esta inserida no complexo social da época vitoriana - a importância da figura de Joe Gargery, que resultará numa amizade e solidariedade imprescindíveis ao andamento do romance (ANDREWS, 1994), levando Pip a adquirir, pela primeira vez, um verdadeiro senso de justiça, como sugere o trecho abaixo transcrito:

ainda sendo jovem, eu creio que virei uma nova admiração pelo Joe aquela noite. Nós éramos iguais depois, como éramos antes; mas, depois em momentos silenciosos quando sentei olhando para o Joe e pensando nele, eu tive uma nova sensação de me sentir consciente que eu estava olhando para Joe no meu coração. (DICKENS, 1982, p.80)

“Grandes Esperanças” é considerado - por muitos críticos - o mais perfeito romance de Dickens, seja pelo equilíbrio da composição narrativa, seja pelas questões sociais que são, direta ou indiretamente, apresentadas pelas personagens.

A delinquência provocada pela exploração desenfreada do ser humano por outros seres humanos é o ingrediente básico de “Oliver Twist” (1837). Oscilando entre a crítica ao ideário cultural de sua época e a rejeição a possíveis teorias sociais substitutas, disponíveis nessa mesmo período, Dickens reflete o complexo ideológico da atmosfera política e filosófica em que nasceu e na qual viveu (LÖWY, 1990). O contexto do romance demonstra ainda como as pessoas, representadas nessa obra célebre de Dickens, estão expostas aos perigos do trabalho industrializado e como passam a fazer parte do jogo econômico do capitalismo inglês (PINA, 1986). Colocando, mais uma vez, a criança como centro do enredo, Dickens promove uma intensa denúncia das condições a que elas estavam submetidas numa sociedade desigual, na qual era, de fato, o elo mais fraco da sociedade. Ao prefaciar seu romance “Oliver Twist”, Charles Dickens indaga:

as ruas de Londres à meia-noite, frias, úmidas, desabrigadas; os antros sórdidos e bafientos, onde o vício se comprime e carece de espaço para virar-se; o assédio da fome e da doença; os andrajos que mal se mantêm juntos; onde estão os atrativos dessas coisas? Não encerram uma lição e não sussurram algo além da quase despercebida advertência de um abstrato preceito moral?”. (DICKENS, 1983, p. 04)

Oliver Twist confronta, assim, a impotência da criança com a crueldade de uma sociedade que não tem mais leis para protegê-la, obrigando-a a trabalhar em condições subumanas.

3 CONCLUSÃO

Nessas duas narrativas de Charles Dickens são feitos, como se pôde observar, comentários críticos a uma sociedade marcada pela pobreza extrema de seus componentes, pelas más condições de vida e de trabalho e pela radical estratificação social, quase sempre em face de uma compreensão solidária das pessoas mais pobres e de uma atitude incrédula em relação à alta sociedade inglesa da segunda metade do século XIX. Conceitos como os de utilitarismo, dentro do contexto da Revolução Industrial, são tratados por Dickens de maneira nítida e contundente, sem prescindir de uma revolta pessoal contra a opressão às classes desprivilegiadas, realidade que conheceu de perto.

Personagens como Oliver de “*Oliver Twist*” e Pip de “*Grandes Esperanças*” possuem características moldadas pela forma singular como o autor as concebeu e refletem a própria reação de Dickens contra o mundo que o rodeia, incorporando aspectos críticos da realidade a que o autor dava voz. Como os impactos da industrialização ainda hoje estão presentes na sociedade, os enredos elaborados por Dickens mantêm sua atualidade, evidenciando belezas, mas também discrepâncias sociais intensas, relatando alegrias e tragédias, de maneira que seus livros ajudam a compreender melhor o mundo atual, convidando a uma reflexão sobre o outro, sobre as mazelas sociais, e sugerindo transformações.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Malcolm. *Dickens and the grown-up child*. Iowa: Iowa University, 1994.
- BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.
- CHERSTERTON, G K. *Criticisms and appreciations of the works of Charles Dickens*. London: House of Stratus, 2001.
- DICKENS, Charles. *Grandes esperanças*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

HOBSBAWN, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

MILLER, J. H. *Charles Dickens: the world of his novels*. Cambridge: Harvard University, 1958.

PINA, Alvaro. *Dickens: a arte do romance*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

SANDERS, A. *The short Oxford history of English Literature*. Oxford: Oxford University, 1994.

ZOLA, Émile. *O Romance experimental*. São Paulo: Perspectiva, 1982.